

## Educação Infantil e saúde das professoras: estudos que se aproximam ao tema

Early Childhood Education and teacher health: studies that approach the theme

Educación Infantil y salud de las profesoras: estudios que se aproximan al tema

Maria de Fátima Duarte Martins\*<sup>1</sup>, Tânia Maria Araújo\*\*<sup>2</sup>, Jarbas Santos Vieira\*<sup>3</sup>,  
Janaina Barela Meireles\*<sup>4</sup>

\*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas-RS, Brasil

\*\*Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana-BA, Brasil

### Resumo

O artigo apresenta estudos que abordam a relação do trabalho docente das professoras de educação infantil com a sua saúde. Pesquisou-se nas bases – *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brasil) o período de 2010 até 2017, no Portal da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) o período de 2000 a 2017 e no Banco de Teses da Capes/MEC – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Ministério da Educação (de 2000 a 2017). No campo “pesquisa de artigos”, utilizamos os descritores (isolados e associados): “doença”, “professora” e “educação infantil”, posteriormente acrescentou-se “adoecimento”. Pesquisou-se nos campos em “geral” e “resumo”. Entre artigos, teses e dissertações encontrou-se 17 trabalhos que analisavam a relação do adoecimento das professoras de educação infantil com seu trabalho. Constatou-se que esse grupo de professoras, por ser relativamente novo e por estar em construção a sua identidade profissional, ainda é pouco estudado, embora apresente-se como grupo de risco para adoecimento, portanto mais estudos são necessários para identificar problemas e buscar soluções.

**Palavras chave:** Educação infantil, Professores, Saúde, Trabalho.

### Abstract

The article presents studies that discuss the relationship between the teaching work of preschool teachers and their health. Research was carried out in three different places: from 2010 to 2017 in the databases of the Scientific Electronic Library Online (SciELO Brazil), from 2000 to 2017 in the Portal da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd (Portal of the National Association of Postgraduate and Research in Education) and from 2000 to 2017 at the Banco de Teses da Capes/MEC- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Ministério da Educação (Capes Bank of Theses/MEC - Coordination of Improvement of Higher Personnel Education / Ministry of Education). In the “article search” field, we used the descriptors (isolated and associated): “illness”, “teacher” and “early childhood education”, and later added “sickness”. Search was

1 Professora Assistente da Faculdade de Educação, Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Pelotas. Professora do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Participa do grupo de pesquisa - Currículo, Formação e Trabalho docente. E-mail: duartemartinsneia@gmail.com

2 Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, Departamento de Saúde, Núcleo de Epidemiologia - Bolsa pesquisa Produtividade 2. E-mail: araujo.tania@uefs.br

3 Professor Titular da Faculdade de Educação, Departamento de Fundamentos da Educação, UFPEL. Bolsa pesquisa de produtividade 2. Grupo de Pesquisa: Currículo, Profissionalização e Trabalho. E-mail: jarbas.vieira@gmail.com

4 Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas, estágio em Educação Infantil, foi colaboradora de diversas pesquisas, atualmente é mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: ninameireles234@gmail.com

carried out in “general” and “summary” fields. Among these papers, theses and dissertations were found 17 papers that analysed the relationship between the sickness of the preschool teachers and their work, it was shown that this relatively new group of teachers who are still constructing their professional identity, is still poorly studied although it presents itself as a risk group for illness, so more studies are needed to identify problems and seek solutions.

**Keywords:** Early childhood education, Teachers, Health, Job.

## Resumen

El artículo presenta estudios que abordan la relación del trabajo docente de las profesoras de educación infantil con su salud. La investigación se realizó en el portal de la Asociación Nacional de Postgrado e Investigación en Educación (ANPEd), en el período de 2000 a 2017 y en el Banco de Tesis de la Capes/MEC – Coordinación de Perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior/Ministerio de Educación (de 2000 a 2017). En el campo “investigación de artículos”, utilizamos los descriptores (aislados y asociados): “enfermedad”, “profesora” y “educación infantil”, posteriormente se añadió “enfermarse”. Se ha investigado en los campos en “general” y “resumen”. Entre los artículos, tesis y disertaciones se encontraron 17 trabajos que analizaban la relación de la enfermedad de las profesoras de educación infantil con su trabajo, se constató que ese grupo de profesoras por ser un grupo relativamente nuevo, por estar en construcción de su identidad profesional, todavía es poco estudiado, aunque se presenta como grupo de riesgo para enfermarse, por lo que más estudios son necesarios para identificar problemas y buscar soluciones.

**Palabras clave:** Educación infantil, Profesores, Salud, Trabajo.

## Introdução

Estudos sobre a saúde das professoras são relativamente novos no Brasil, iniciaram-se principalmente no início desse século, quando aumentou significativamente o número de professores que se afastaram de sala de aula por motivos de doença. No caso da Educação Infantil, estudos desse tipo são mais recentes e escassos, um dos motivos poder ser o fato dessa modalidade de ensino ter ganhado caráter de profissão, recentemente. Foi a partir dos movimentos de estudiosos da infância que o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou a Resolução nº1, de 15/05/2006, que cria o *Curso de Licenciatura em Pedagogia* (BRASIL, 2006), atribuindo a este a formação de professores para atuarem na Educação Infantil, Anos Iniciais, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como para o Ensino Normal, quando fosse necessário, e para a Educação de Jovens e Adultos, além da formação de gestores.

O documento determina que na Educação Infantil, assim como nos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental, é admitido o ingresso de professores com a formação mínima em Curso de Magistério de nível médio, na modalidade Normal (art. 62, Institutos Superiores de Educação). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (BRASIL, 1996), orienta sobre a profissionalização dos docentes da Educação Infantil:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental.

Pouco mais de 10 anos após essa resolução, ainda são poucas as escolas que seguiram o documento. Em um estudo realizado em 16 cidades do sul do Rio Grande do Sul, que incluiu 68 escolas e 396 professoras, foi demonstrado que apenas 28% das professoras possuem curso superior completo, e 9% incompleto, conforme dados da pesquisa *Trabalho e saúde das professoras de Educação Infantil das Escolas Públicas Municipais da Região Sul do Rio Grande do Sul*<sup>5</sup>. Esses dados, ainda que específicos para essa região, ajudam a compreender quão nova é a profissão de professora de Educação Infantil e o quanto é difícil para a sociedade e para as próprias docentes compreenderem sua função como profissionais, na medida em que muitas vezes seu trabalho se assemelha com as atividades maternas e com as tarefas de casa, realizadas em seu ambiente privado. As representações do ser e do fazer das profissionais da Educação Infantil, vêm sendo perpetuadas historicamente pelo enfoque assistencialista e, recentemente, pelo tripé cuidar, educar e brincar (ASSIS, 2009).

Ser professora das crianças pequenas envolve uma série de aspectos que vão desde o reconhecimento de sua complexidade até a compreensão de que a criança é a protagonista da Educação Infantil, sujeito de direitos e de desejos. São muitos os desafios que englobam o trabalho pedagógico e as especificidades da infância, portanto, ser professora de crianças pequenas é um processo dinâmico e comprometido, que reúne em seu que fazer diário teorias e práticas pedagógicas do campo da infância, políticas públicas, linguagens da infância, corpo, arte, música, teatro, etc. Outras especificidades do trabalho docente com crianças pequenas requerem compreender a infância e as demandas advindas do trabalho com criança e, ainda, entender que todas as trabalhadoras das Escolas de Educação Infantil estão inseridas no movimento de formação, que recebem as crianças em espaços educativos e não domésticos, e que não pode ser confundido como extensão da casa.

Partindo da premissa de que temos poucos estudos sobre a Educação Infantil, no que diz respeito a relação entre o trabalho da professora e o adoecimento, bem como da importância de dar visibilidade a esse processo, pretende-se apresentar o resultado do levantamento de publicações no Brasil que abordam o trabalho docente na Educação Infantil e sua relação com o adoecimento. Escolheu-se para leitura e análise artigos, teses e dissertações escritos no período de 2010 a 2017.

### **Professoras da Educação Infantil e seu processo de trabalho**

As professoras que atuam nas Escolas Públicas Municipais de Educação Infantil vêm experimentando, em seu processo de trabalho, mudanças materiais e simbólicas que têm promovido tanto uma hipertrofia de funções quanto o deslocamento das imagens sobre a educação e o ser docente. Soma-se a isso um conjunto de discursos – governamentais, midiáticos e da própria sociedade – que tem promovido a redução do conceito de educação ao conceito de ensino. Nessa perspectiva, o processo educacional torna-se restrito ao cumprimento de metas definidas pelas políticas governamentais, vistas como medidas de avaliação da competência e da qualidade da educação e de seus agentes, gerando efeitos negativos sobre a saúde do professorado.

5 Pesquisa Financiada pelo MCTI/CNPq N° 14/2013 – Chamada Universal, Processo 483700/2013-4. Grupo de Pesquisa: Gestão, Currículo e Políticas Educativas, Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Dados quantitativos completos dessa pesquisa podem ser encontrados em [Issuu.com/trabalhodocenteesaude](http://Issuu.com/trabalhodocenteesaude).

O trabalho educativo não é um trabalho que naturalmente adoça seus profissionais. Tão pouco pode haver uma relação direta e unívoca entre as condições de trabalho e de saúde (ou falta dela) do professorado, senão que um conjunto de problemas está ativamente contribuindo para o processo de adoecimento dos docentes em larga escala (VIEIRA et al., 2016). Todavia, dada as condições de trabalho que o professorado das escolas públicas vem experimentando, é possível considerar a dimensão adoecedora que envolve o trabalho docente. Tal dimensão, quando analisada na educação, é caracterizada como mal-estar docente. Trata-se de um conceito criado pelo professor e pesquisador espanhol José Esteve (1999) para identificar características que podem levar ao adoecimento. O autor dividiu os fatores que podem levar ao mal-estar docente em dois grupos: primários e secundários. Entre os fatores primários (ou principais) destacam-se: a falta de recursos para aquisição de material didático, problemas de conservação dos prédios escolares, escassez de móveis, violência contra professores e contra as escolas, salários baixos, ameaças de perda de emprego, esgotamento pela carga excessiva de trabalho e a acumulação de exigências sobre o professor. Os fatores secundários (ou contextuais) são relativos à ação docente, ligados às modificações do papel do professor e dos agentes tradicionais de socialização. Destaca-se, nas contribuições de José Esteve (1999) o fato de o professor ser sujeito e parte da organização do trabalho na escola e do entorno social em que ele se encontra.

Na esteira do pensamento de Esteve (1999), observa-se nos últimos anos um aumento das responsabilidades e exigências sobre os educadores, o que implica uma maior transferência de atividades tanto da família como da sociedade para a escola; o aparecimento de novos agentes de socialização representados pelos meios de comunicação e o consumo cultural de massa, que se somam hoje às informações do professor; a necessidade de desempenhar papéis contraditórios, ora exigindo que seja amigo e companheiro dos alunos, ora que seja um juiz do desempenho desses mesmos alunos; o descaso e o desrespeito pelo trabalho do professor; e, por fim, a modificação do *status* social do professor, que antes teria maior consideração social. Essas demandas contribuem ativamente para o mal-estar docente.

O conjunto da presença desses fatores no trabalho docente da Educação Infantil, ao produzir condições desfavoráveis no exercício de seu que fazer diário, levam o professorado em direção ao seu adoecimento. Para conhecer o estado do conhecimento<sup>6</sup> sobre o trabalho docente na Educação Infantil e sua relação com o processo de adoecimento, buscou-se artigos produzidos no Brasil que apresentem pesquisas com essa temática.

## Método

Para a elaboração do estado de conhecimento sobre a relação entre saúde e trabalho docente das professoras da Educação Infantil foi feita uma revisão bibliográfica contemplando artigos, teses e dissertações publicados no Brasil entre os anos de

6 Romanowski e Ens (2006) compreendem que “os estudos realizados a partir de uma sistematização de dados, denominada ‘estado da arte’, recebem esta denominação quando abrangem toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções. Por exemplo: para realizar um ‘estado da arte’ sobre ‘Formação de Professores no Brasil’ não basta apenas estudar os resumos de dissertações e teses, são necessários estudos sobre as produções em congressos na área, estudos sobre as publicações em periódicos da área. O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado de ‘estado do conhecimento’.” (p.39-40).

2010 e 2017. Após uma primeira revisão, o estudo ampliou-se para os anos de 2000 até 2017. Pesquisou-se nas bases da *Scientific Electronic Library Online* Brasil (SciELO Brasil); Portal da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e o Banco de Teses da Capes/MEC – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Ministério da Educação. Utilizou-se como descritores as palavras consideradas mais específicas para o objetivo da pesquisa.

Para cada fonte consultada, foi adotado um modo específico de identificação dos textos: SciELO Brasil: em pesquisa de artigos, utilizou-se os descritores (isolados e associados): doença, professora e Educação Infantil. Posteriormente acrescentou-se adoecimento. Pesquisou-se nos campos: geral e resumo. Na página da ANPEd, pesquisou-se os Grupo de Trabalho (GT) 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos, e GT 09 – Trabalho e Educação, também incluiu-se os relatórios de atividades realizadas pelos dois GTs.

## Resultados

Os artigos, teses e dissertações apresentaram uma predominância de temas relacionados com estresse, problemas de fala, estudos ergonômicos, construídos principalmente no campo da fonoaudiologia e da psicologia, e referiam-se à saúde de todos professores, não especificamente para docentes da Educação Infantil. Após a leitura dos resumos selecionados, ficou-se com 10 artigos, 2 teses de doutorado e 5 dissertações de mestrado, que se referem a estudos sobre o trabalho da professora da Educação Infantil e sua associação com adoecimento. O Quadro 1 apresenta os trabalhos classificados por tipo, ano, título, autores e instituições dos autores.

Tipo	Ano	Título	Autores (as)	Instituição
Artigo	2011	Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil	SOUZA, Aparecida Neri de; LEITE, Márcia de Paula	Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação
Artigo	2012	Efeito do ruído na voz de educadoras de instituições de educação infantil	ZENARI, Marcia Simões; BITAR, Mariângela Lopes; NEMR Nair Katia	Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina
Artigo	2012	O trabalho docente na educação infantil pública em Belo Horizonte	PINTO, Mercia de Figueiredo Noronha; DUARTE, Adriana Maria Cancellari; VIEIRA, Livia Maria Fraga	Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação
Artigo	2013	As condições do trabalho docente na educação infantil no Brasil: alguns resultados de pesquisa (2002-2012)	VIEIRA, Livia Fraga e OLIVEIRA, Tiago Grama Oliveira	Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação

<b>Artigo</b>	2013	Condições de trabalho e saúde de professores pré-escolares da rede pública de ensino de Pelotas, RS, Brasil	SILVA, Luciane Goulart da; SILVA, Marcelo Cozzens da	Universidade Federal de Pelotas, Escola Superior de Educação Física
<b>Artigo</b>	2013	Condições de saúde, estilo de vida e características de trabalho de professores de uma cidade do sul do Brasil	SANTOS, Márcio Neres dos; MARQUES, Alexandre Carriconde	Universidade Federal de Pelotas, Escola Superior de Educação Física
<b>Artigo</b>	2014	O trabalho das docentes da Educação Infantil e o mal-estar docente: o impacto dos aspectos psicossociais no adoecimento	MARTINS, Maria de Fátima Duarte; VIEIRA, Jarbas Santos; FEIJÓ, José Roberto de Oliveira; GONÇALVES, Vanessa Bugs	Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação
<b>Artigo</b>	2015	Mal-estar docente e absenteísmo: uma relação de trabalho e Saúde das Professoras de Educação Infantil	SILVEIRA, Maria Luíza et al.	Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação
<b>Artigo</b>	2016	Trabalho docente e saúde das professoras de educação infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul	VIEIRA, Jarbas Santos; GONCALVES, Vanessa Bugs; MARTINS, Maria de Fátima Duarte	Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação
<b>Artigo</b>	2017	A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente	CORTEZ, Pedro Afonso; SOUZA, Marcus Vinícius Rodrigues de; AMARAL, Laura Oliveira; SILVA, Luiz Carlos Avelino da	Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia e Faculdade de Medicina
<b>Tese</b>	2006	Educadoras de creche: percepção de motivos de satisfação, de insatisfação e de estresse vinculados ao desempenho profissional	<u>BERALDO, Katharina Elisabeth Arnold</u>	Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia
<b>Tese</b>	2007	Um olhar implicado sobre o mal-estar docente	ARANDA, Silvana Maria	Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação
<b>Dissertação</b>	2006	Auto percepção da voz e interferências de problemas vocais: um estudo com professores da rede municipal de Ribeirão Preto/SP	DEFINA-IQUEDA, Adriana Pereira	UNESP, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Dissertação	2010	Qualidade de vida no trabalho e vivências de bem-estar e mal-estar em professores da rede pública municipal de Unai/MG	BRANQUINHO, Neuzani das Graças Soares	Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia
Dissertação	2011	O trabalho na rede municipal de Cidreira/RS: limites e possibilidades de uma práxis emancipadora	PURIN, Paola Cardoso	Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação
Dissertação	2015	Impacto na Precarização do trabalho sobre a saúde das docentes da EI	SOLIMÕES, Andréa Cristina Cunha	Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação,
Dissertação	2017	Estresse ocupacional do gestor escolar na educação infantil	RESENDE, Noemia Carneiro de Araújo	Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina

**Quadro 1:** artigos; teses e dissertações cujos conteúdos se aproximaram a estudos sobre a relação entre trabalho e saúde das professoras da Educação Infantil no Brasil.

O artigo de Souza e Leite (2011) – *Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil: análise de pesquisas* – faz uma análise de teses e dissertações sobre trabalho e saúde de professores da Educação Básica no Brasil, produzidas no período entre 1997 e 2006. Partindo das críticas de Marx sobre as condições de trabalho do operariado inglês, o artigo avança nas contribuições teóricas de Henry Baverman sobre a degradação do trabalho no século XX, de Christophe Dejours sobre a psicopatologia do trabalho, de David Harvey sobre a acumulação flexível do capital e, por fim, de José Esteve, sobre o mal-estar docente. Este referencial serve de lente para a compreensão das teses e dissertações sobre trabalho e saúde do professorado da Educação Básica no Brasil, destacando as formas de sofrimento que os docentes estão submetidos em seus processos de trabalho. Para as autoras, os vários estudos ajudam a compreender o fato de que muitas enfermidades profissionais geradas pelas condições de trabalho são mascaradas por doenças comuns, fazendo com que o ônus recaia sobre os próprios professores. Também identificam a maior incidência da síndrome de *Burnout* entre os professores de Educação Infantil, o que corrobora com os resultados das pesquisas de Martins et al. (2014) e Vieira et al. (2016).

O estudo de Marcia Simões Zenari, Mariângela Lopes Bitar e Nair Katia Nemr (2012) – *Efeito do ruído na voz de educadoras de instituições de educação infantil – avalia a associação entre níveis de ruído presentes em centros de Educação Infantil e alterações vocais em educadoras*. Trata-se de um estudo transversal observacional realizado em três centros de Educação Infantil na cidade de São Paulo, no ano de 2009, com 28 professoras. Valendo-se de um referencial teórico de base epidemiológica, especificamente voltado para problemas relacionadas à saúde vocal, e considerando os níveis de pressão sonora mensurados segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas, com uso de medidor de nível de pressão sonora, o

artigo demonstrou que existe associação ente a presença de ruído entre harmônicos e alteração vocal, com elevados níveis de ruído. Para as autoras, embora a maioria das educadoras ter apresentado voz alterada em grau leve, investigar a voz dos docentes pode prevenir ou minimizar riscos ocupacionais, uma vez que essa categoria profissional apresenta alterações vocais com maior frequência do que a da população em geral.

O artigo de Mercia de Figueiredo Noronha Pinto, Adriana Maria Cancelli Duarte e Livia Maria Fraga Vieira (2012) – *O trabalho docente na educação infantil pública em Belo Horizonte* – aborda a história da Educação Infantil em Belo Horizonte. Valendo-se da análise documental e de pesquisa de campo nas escolas públicas de Educação Infantil de Belo Horizonte, e utilizando um referencial teórico baseado na teoria crítica de base neomarxista, o artigo traça o perfil profissional e sociodemográfico do professorado, bem como as condições de trabalho, tais como carreira docente, salário, jornada, autonomia e oportunidade de formação social dessas professoras. Embora a pesquisa não avalie o impacto desses fatores na saúde dessas professoras, concluíram que as docentes da Educação Infantil vêm experimentando um rápido processo de intensificação e precarização de suas condições de trabalho, além da ampliação de suas funções dentro das escolas. Tais resultados coincidem com pesquisas voltadas à problemática da saúde do professorado, as quais relacionam as rápidas mudanças no processo de trabalho docente responsáveis por uma sobrecarga de tarefas as quais vêm contribuindo para o adoecimento do professorado.

Já o artigo *Condições de trabalho e saúde de professores pré-escolares da rede pública de ensino de Pelotas, RS, Brasil*, de Luciane Goulart da Silva e Marcelo Cozzensa da Silva (2013) aponta que ensinar é, em geral, uma atividade estressante, com repercussões sobre a saúde física e mental do professorado, e atinge o próprio desempenho profissional de seus profissionais. O artigo se baseou em um estudo descritivo, do tipo censo, em escolas do município e do estado, onde eram oferecidas educação pré-escolar. Neste nível de escolaridade foi aplicado um questionário para as professoras para coletar dados sociodemográficos, econômicos, comportamentais, nutricionais, de saúde e de trabalho. A base teórica que orientou a interpretação dos dados se valeu de quatro estudos: o de Mendes e Chong e Chan sobre as atividades exigidas dos docentes no processo educativo; o de Paschoal e Machado sobre as exigências físicas demandadas no trabalho com crianças pequenas; das pesquisas de Wanderley Codo sobre a saúde mental de professores da Educação Básica; e, por fim, de Silvany-Neto et al. sobre o processo e condições de trabalho e as repercussões na saúde do professorado. Os resultados demonstraram a prevalência elevada de dor nas regiões da coluna lombar, pescoço, coluna torácica e ombros. Destacam que a prevalência de professores de Educação Infantil com distúrbios psiquiátricos menores foi inferior à encontrada em professores de outros níveis de ensino. O artigo considera que o estudo trata de uma pesquisa inédita sobre saúde e condições de trabalho de professores pré-escolares da rede pública de ensino em Pelotas (RS). A maioria dos estudos existentes no Brasil e no exterior descreve e relaciona saúde e ambiente de trabalho aos professores que atuam nos ensinos fundamental, médio e universitário. Esses apresentam características diferentes da pré-escola, dificultando a validade externa dos resultados.

O artigo de Maria de Fátima Duarte Martins, Jarbas Santos Vieira, José Roberto de Oliveira Feijó e Vanessa Bugs Gonçalves – *O trabalho das docentes da Educação Infantil e o mal-estar docente: o impacto dos aspectos psicossociais no adoecimento* (2014) – tem como base uma pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo sobre o trabalho docente na Educação Infantil e na saúde de suas profissionais. Na etapa quantitativa, a pesquisa utilizou o instrumento *Job Content Questionnaire* (JCQ), que avaliou os aspectos psicossociais do trabalho, as demandas psicológicas e o grau de controle que as professoras possuem sobre o seu trabalho. O artigo vale-se de referenciais teóricos que privilegiam conceitos como os de intensificação do trabalho e mal-estar docente. Os resultados demonstraram que um grupo significativo de professoras – 33,24% – se encontrava em risco de adoecimento, trabalhando em um ambiente que exige alto grau de envolvimento psicológico e possuindo pouco controle sobre esse trabalho. Para os autores, a forma de interação entre o trabalho e o ambiente laboral, a pouca satisfação no trabalho e as condições de organização das escolas onde essas professoras exercem seus ofícios estão contribuindo para o recrudescimento do mal-estar docente como componente da profissão.

No artigo *Trabalho docente e saúde das professoras de educação infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul*, escrito por Jarbas Santos Vieira, Vanessa Bugs Gonçalves e Maria de Fátima Duarte Martins (2016) foram discutidos os dados da etapa qualitativa da pesquisa que analisou a relação entre trabalho e adoecimento das professoras de Educação Infantil da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Nessa etapa, realizou-se entrevistas semiestruturadas com o intuito de conhecer as práticas educacionais das professoras em seu cotidiano de trabalho e os problemas que envolvem a profissão em escolas de Educação Infantil. O eixo das entrevistas abordou o cotidiano de trabalho dessas docentes e suas percepções acerca da importância da professora de Educação Infantil. Por ser um artigo também vinculado à mesma pesquisa que serviu de base para o texto de Martins, Vieira, Feijó e Gonçalves (2014), como pode ser lido no parágrafo acima, seus referenciais teórico-metodológicos foram os mesmos, também com prevalência dos conceitos de intensificação do trabalho e de mal-estar docente. A análise mostrou que os discursos das professoras naturalizam a ideia do magistério como sacerdócio, reforçando as práticas de doação e de sacrifício como intrínsecas ao processo de trabalho docente, tornando o mal-estar um componente presente na vida profissional dessas docentes.

O artigo de Pedro Afonso Cortez, Marcus Vinícius Rodrigues de Souza, Laura Oliveira Amaral, Luiz Carlos Avelino da Silva, *A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente* (2017), é uma revisão da literatura, na qual foram analisados 69 textos sobre trabalho e saúde dos professores da Educação Básica no Brasil, sendo que desse total, apenas dois referiam-se à Educação Infantil. O maior número de estudos é da área de fonoaudiologia, seguidos de psicologia e pedagogia. Três artigos citados na revisão avaliaram a síndrome de *burnout*. Essa revisão de literatura partiu do pressuposto de que as pesquisas sobre a saúde do trabalhador é um campo interdisciplinar e/ou pluridisciplinar. Autores como Minayo-Gomez, Dejours, Menezes e Araújo são utilizados para compreensão do processo de saúde do trabalhador considerando o caráter histórico das dinâmicas existentes nas organizações de trabalho. Com essa lente, o artigo concluiu que apesar do elevado número de estudos que ressaltam agravos à saúde do professor, são

poucas as ações desenvolvidas em relação às legislações e políticas específicas que privilegiam a saúde do professorado.

Márcio Neres dos Santos e Alexandre Carriconde Marques, no artigo *Condições de saúde, estilo de vida e características de trabalho de professores de uma cidade do sul do Brasil* (2013), realizaram um estudo com 1238 professores da rede municipal de uma cidade do Rio Grande do Sul. Sua analítica encontra em trabalhos relacionados à psicopatologia do trabalho sua sustentação teórica principal, em especial os escritos de Dejours para compreender o sofrimento no trabalho. Embora o grupo de professoras da Educação Infantil estivesse contido no total de docentes estudados, ele não foi analisado separadamente, pois os resultados referem-se a toda população estudada. Os autores fazem ver que as complicações de saúde mais frequentes entre os docentes incluem os distúrbios psicológicos, as exigências ergonômicas relacionadas ao trabalho e outros problemas de ordem geral, nos quais tomam importância as doenças crônicas associadas ao estilo de vida. Entre os distúrbios psicológicos destacam-se o estresse, a depressão, o esgotamento mental e a síndrome de *burnout*, e entre as exigências ergonômicas do trabalho os sintomas osteomusculares e os distúrbios vocais.

Nos artigos aqui descritos pode-se constatar que há uma indicação para a necessidade de mais pesquisas com a Educação Infantil – pesquisas que investiguem, previnam ou minimizem as condições de trabalho neste nível de educação, no intuito de encontrar soluções para os problemas encontrados, pois essa categoria, nas condições em que está trabalhando, encontra-se ou já adoecida ou em sério risco de adoecimento.

Quanto as teses e dissertações aqui elencadas, encontra-se importantes contribuições para a compreensão da complexidade da Educação Infantil na escolaridade brasileira. Nesse sentido, destacam-se dois estudos: um do ano de 2015 – *Impacto na precarização do trabalho sobre a saúde das docentes da educação infantil* (SOLIMÕES, 2015) – e outro de 2017 – *Estresse ocupacional do gestor escolar na educação infantil* (CARNEIRO, 2017).

O primeiro estudo, a dissertação *Impacto na precarização do trabalho sobre a saúde das docentes da educação infantil* (SOLIMÕES, 2015), desenvolve uma análise crítica sobre as condições de trabalho na Educação Infantil na tentativa de estabelecer possíveis relações com o processo de adoecimento que vem atingindo os docentes nas últimas décadas, tomando como referência a rede municipal de ensino de Belém, capital Paraense. Trata-se de um estudo exploratório, utilizando o materialismo histórico e dialético como aporte teórico-metodológico. A autora da pesquisa usou categorias tais como condições de trabalho, precarização e subjetividade para sua análise. Constatou que os docentes da Educação Infantil vêm vivenciando um forte processo de precarização e intensificação do trabalho, comprometendo o tempo livre dessas professoras, em sua maioria mulheres, que historicamente respondem pelas atividades de cuidado e manutenção do lar. O trabalho finaliza apontando como saída para a problemática o rompimento com o silêncio e o empenho em descortinar o conteúdo ideológico que há por trás da retórica do Estado, com vistas à construção de outra sociedade, pois não há saída por dentro do capitalismo, sistema social, político e econômico impossível de humanizar-se.

O segundo estudo, a dissertação *Estresse ocupacional do gestor escolar na educação infantil* (CARNEIRO, 2017), realizada no Programa de Pós-Graduação em

Saúde, Ambiente e Trabalho, da Universidade Federal da Bahia, analisou o estresse ocupacional de oito gestores de escolas de Educação Infantil da rede particular e suas formas de enfrentamento. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, que utilizou a técnica da entrevista semiestruturada, observação não participante e, para analisar os dados, valeu-se da Análise de Conteúdo. Teoricamente, a pesquisa opera com o conceito de estresse ocupacional na vida do trabalhador; conceito esse que serve de base para suas conclusões, quais sejam: de que os fatores estressores estão diretamente relacionados com (a) a complexa relação com a família das crianças, (b) com a gestão financeira, que constituiu um problema relevante considerando o processo de crescente inadimplência das famílias junto às escolas, gerada pelo cenário político e econômico do país, e (c) com a relação com os professores. A religiosidade foi mencionada como forma de enfrentamento aos eventos estressores.

O conjunto de estudos aqui elencados faz ver que a organização do trabalho docente, nas atuais condições de escolaridade no Brasil, está pondo em risco a saúde de seus profissionais, em especial das professoras de Educação Infantil, as quais apresentam maior incidência da síndrome de *burnout*. Na contramão dessas pesquisas, existe uma compreensão de que as doenças relacionadas ao trabalho docente acabam mascaradas como doenças comuns. Todavia, questões típicas da atividade docente evidenciam que o adoecimento de suas profissionais está diretamente relacionado às atividades e às condições nas quais realizam essas atividades, como é o caso de doenças vocais, doenças osteomusculares, prevalência de problemas psicológicos entre professoras da Educação Infantil, estresse, depressão e esgotamento mental.

As pesquisas indicam ainda que o professorado da Educação Básica, em especial da Educação Infantil, vem experimentando de forma acelerada um processo de intensificação e precarização de suas condições de trabalho, o que ajuda a entender tanto as crescentes exigências de envolvimento psicológico das professoras para que possam realizar seu trabalho em condições desfavoráveis quanto a pouca satisfação pelo trabalho que realizam cotidianamente. Duas questões relevantes que, combinadas, permitem compreender o recrudescimento do mal-estar docente na profissão. Um mal-estar ainda mais potencializado pelo estresse produzido pela relação que a professoras devem manter com a família das crianças, pela pouca valorização social e econômica que percebem, pelas tensões no ambiente escolar, muitas vezes entre colegas, e pela ausência de ações políticas para melhorar a qualidade do trabalho.

A par dessa realidade, os artigos, dissertações e teses também fazem ver a necessidade de maiores estudos sobre trabalho e saúde dos professores e professoras no Brasil, principalmente quando se fala de Educação Infantil. Portanto, estudar esse grupo de docentes, a partir do seu cotidiano, se faz necessário para dar maior visibilidade a um grupo que, de acordo ao que se tem constatado, vem exercendo suas funções sob fatores tais como a precarização das escolas e do trabalho, salários baixos, ausência de políticas públicas para elevar as condições de trabalho, entre outras questões que levam ao adoecimento da categoria.

### **Considerações finais**

O campo da Educação Infantil como objeto de estudo ainda tem sido pouco estudado, pois geralmente acaba incluído em investigações sobre a Educação Básica,

principalmente quando o foco diz respeito à saúde de suas professoras e professores. Quando se pesquisa *burnout* aparecem muitos estudos, porém referidos a outras categorias de trabalhadores. A saúde do professorado ainda é uma questão periférica nas preocupações que envolvem a educação, tanto sobre a gestão escolar quanto sobre o processo de trabalho docente (ARAÚJO, 2009). De toda forma, os estudos apresentados sobre trabalho docente e saúde nesse artigo – ainda muito escassos no conjunto das investigações que se fazem sobre a educação no Brasil – fazem ver as dificuldades enfrentadas pelas professoras da Educação Básica no seu dia a dia, destacando problemas referentes as estruturas das escolas, aos problemas com a gestão e as condições precárias de trabalho que geram enfermidades profissionais.

Os problemas indicados acima se potencializam na Educação Infantil, nível de escolarização ainda pouco investigado em relação as questões que envolvem trabalho docente e a saúde de suas profissionais. Mesmo que investigações que explorem tal relação tenham tido algum avanço na última década, baseando-se em novos marcos teóricos abertos pela bibliografia internacional, ainda se fazem necessárias análises em profundidade sobre os fatores que influenciam as doenças que acometem as professoras e professores em seus processos de trabalho. Nesse sentido, um dos elementos que precisa ser mais bem analisado é a crescente influência das políticas neoliberais, começadas por diversos governos desde os anos de 1990, e que resultam na falta de participação docente nas decisões políticas educacionais, na política da escola, na precarização das condições de trabalho, na sobrecarga de trabalho, nos baixos salários e na falta de discussão da jornada de trabalho do professorado. Este último aspecto é importante, na medida em que a maioria dos docentes da Educação Infantil são mulheres e, por isso, enfrentam uma dupla ou tripla jornada de trabalho – na escola e em suas casas. É sobre esses e essas docentes e suas formas de trabalho que se voltam as críticas e os objetivos das reformas governamentais, atribuindo-lhes a responsabilidade primeira pela baixa qualidade do ensino, ignorando a escassez de recursos, os baixos salários, o atraso tecnológico das escolas e a própria ausência de um sistema de educação. O processo de trabalho se converte então na causa primeira da defasagem entre o que a escola oferece e o que o mercado deseja e exige (VIEIRA et al., 2017).

Para concluir o artigo, de acordo com Martins (2006), a Educação Infantil ainda é uma tarefa a se realizar no Brasil, pois até o presente não existiu de fato como expressão do direito educacional das crianças de zero a seis anos, na medida em que os modelos até agora implantados não são representativos daquilo que deveria ser o trabalho educativo com esta faixa etária. Pelo fato da Educação Infantil ainda não existir de fato como direito das crianças, não é estranho os problemas de saúde enfrentados por suas professoras e professores, embora a profissão tenha avançado algumas casas na luta por sua identidade profissional. De toda forma, defende-se a necessidade de mais pesquisas e estudos que deem mais visibilidade às mazelas dessa profissão, com o intuito de refletir sobre a necessidade dos governos de promover políticas públicas que venham ao encontro de suas reivindicações, as quais permitirão executar seu trabalho em condições favoráveis, prazerosas e não padecedoras.

## Referências

- ARANDA, S. M. **Um olhar implicado sobre o mal-estar docente**. 2007. 149f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.
- ARAÚJO, T. M. et al. Saúde e trabalho docente: dando visibilidade aos processos de desgaste e adoecimento docente a partir da construção de uma rede de produção coletiva. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 37, p. 183-212, jul. 2003.
- ARAÚJO, T.; CARVALHO, F. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 30, n. 107, p. 427-449, maio/ago. 2009. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 10 de abr. 2017.
- ASSIS, M. S. Ama, guardiã, crecheira, pajem, auxiliar... em busca da profissionalização do educador da educação infantil. In: ANGOTTI, M. (Org.). **Educação Infantil**: da condição de direito a condição de qualidade no atendimento. Editora Alínea: São Paulo, Campinas, 2009, p. 37-50.
- BERALDO, K. E. A. **Educadoras de creche**: percepção de motivos de satisfação, de insatisfação e de estresse vinculados ao desempenho profissional. 2006. 200f. Tese. (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BRANQUINHO, N. das G. S. **Qualidade de vida no trabalho e vivências de bem-estar e mal-estar em professores da rede pública municipal de Unaí/MG**. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- BRASIL. **Decreto-Lei 9.694** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1**, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.
- CARNEIRO, N. **Estresse ocupacional do gestor escolar na educação infantil**. 2017. 102 páginas. Dissertação (mestrado em Programa de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- CORTEZ, P.; SOUZA, M. V.; AMARAL, L. O.; SILVA, L. A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.25, n. 1, p.113-122, jan./mar., 2017.
- DEFINA-IQUEDA, A. P. **Auto percepção da voz e interferências de problemas vocais**: um estudo com professores da rede municipal de Ribeirão Preto/SP. 2006. 165f. Dissertação (Mestrado em Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Saúde, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.
- ESTEVE, J. S. **O mal-estar docente**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.
- LEHMANN, B. A. et al. Trabalho e Saúde das Professoras da educação infantil das escolas públicas municipais da região sul do Rio Grande do Sul – Caderno online **Issuu.com/trabalhodocenteesaude**. Acesso em 10 de abril de 2017.
- MARTINS, L. Maria. Educação Infantil: assumindo desafios. In: SILVA, A.; SANTOS, B. R.; SEQUEIRA, C. H. (orgs). **Infância e adolescência em perspectiva**. São Vicente, SP, Prefeitura Municipal de São Vicente, 2006, v. I, p. 66-76.
- MARTINS, M. de F.; VIEIRA, J.; FEIJÓ J.; GONÇALVES, V. B. O trabalho das docentes da Educação Infantil e o mal-estar docente: o impacto dos aspectos psicossociais no adoecimento. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v.17, n.2, p. 281-289, 2014.
- PINTO, M. de F. N.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. O trabalho docente na educação infantil pública em Belo Horizonte. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2012, vol.17, n.51, pp.611-626. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782012000300007>
- PURIN, P. C. **O trabalho na rede municipal de Cidreira/RS**: limites e possibilidades de uma práxis emancipadora. 2011. 69f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas de tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v.6, n.9, p.37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116275004>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- SANTOS, M. N.; MARQUES, A. Condições de saúde, estilo de vida e características de trabalho de professores de uma cidade do sul do Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.18, n3, p.837-846, mar., 2013.
- SILVA, L. G.; SILVA M. C. Condições de trabalho e saúde de professores pré-escolares da rede pública de ensino de Pelotas, RS, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.18, n.11, 3137-3146, nov. 2013.

SILVEIRA, L.; MEIRELES, J.; ESLABÃO, L.; VIEIRA, J.; MARTINS M. de F. Mal-Estar docente e absenteísmo: uma relação de trabalho e saúde das professoras de Educação Infantil. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v.1, p. 01-07, 2015.

SOLIMÕES, A. C. **Impacto na precarização do trabalho sobre a saúde das docentes**. 2015. 157p. Dissertação (Mestrado em Instituto de Ciências da Educação Programa de Pós-graduação em Educação). Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

SOUZA, A.; LEITE, M. P. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.32, n.117, p. 1105-1121, out./dec. 2011.

VIEIRA, J.; GONÇALVES, V. B.; MARTINS, M. de F. D. Trabalho docente e saúde das professoras de Educação Infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14 n. 2, p. 559-574, maio/ago. 2016.

VIEIRA, J.; MARTINS, M.de F. D. Educação básica e saúde do professorado: efeitos dos descuidos das políticas educacionais. **Diálogo crítico-educativo**, Pelotas, VIII, p. 157-170, 2017.

VIEIRA, L. F.; OLIVEIRA, T. G. As condições do trabalho docente na educação infantil no Brasil: alguns resultados de pesquisa (2002-2012) **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 46, n. 32, p. 131-154 maio/ago., 2013.

ZENARI, M. S.; BITAR, M.; NEMR Nair. Efeito do ruído na voz de educadoras de instituições de educação infantil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.46, n.4, p. 657-664, ago. 2012.

Enviado em: 02/dezembro/2017

Aprovado em: 02/agosto/2018

Ahead of print em: 04/fevereiro/2019